

É possível ser feliz sem o Outro?

*A lição de Joyce, o sintoma.**

Antonia Claudete A. L. Prado

Maria do Carmo Dias Batista

Apoio

Maria Wedna T. Henrique

Yára Valione

Certamente, Freud não duvida, não mais do que Aristóteles, de que o que o homem busca, seu fim, seja a felicidade. Coisa curiosa, o termo felicidade, em quase todas as línguas, apresenta-se em termos de encontro – tykhe.

Jacques Lacan¹

Felicidade, grande enigma, um dos mais instigantes para o humano. O homem em seu estado natural não é feliz nem infeliz, está na condição de vivente, como qualquer outro animal, cuja finalidade é sobreviver. Assim, não se depara com a dúvida, nem com a incerteza das escolhas, ou com a angústia. Ao se implicar na ordem simbólica, ao ser atravessado pela linguagem, o humano ingressa numa dimensão peculiar, a partir da qual as questões o acompanham enquanto vive. Entre elas, uma se impõe:

O que é felicidade?

No Houaiss não há uma definição própria de 'felicidade'. O termo é descrito como *qualidade ou estado de feliz, ventura, contentamento*. De fato, não há definição universal para 'felicidade', o conceito deve se sustentar na subjetividade de cada um. Para Freud, *Existem [...] muitos caminhos que podem levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança*².

Em Aristóteles, a felicidade não está nas coisas, não é um dom ou uma fortuna recebida dos deuses. Difere de Platão: felicidade é um dom divino, *makariotes*³. Para Aristóteles, a felicidade só pode ser encontrada dentro do homem. Não é um estado, mas resultado da *arte do bem-viver e do bem-agir, eudaimonia*⁴; decorre da atividade exercida, não apenas em um espaço de tempo, mas durante toda uma vida pautada na virtude. A virtude consiste na moderação, no equilíbrio entre extremos – sem excessos nem escassez. O exercício da virtude, em si, faz o homem feliz.

A idéia grega de felicidade estável ligada a uma disposição da alma foi relegada a um segundo plano pela moral cristã. Retomou importância na ética contemporânea: a felicidade, como estado de alma, em oposição à alegria, ao prazer e às satisfações passageiras da sensibilidade⁵.

* Trabalho apresentado nas X Jornadas da Clipp em São Paulo, agosto de 2008, e no **XVII Encontro Brasileiro do Campo freudiano**, no Rio de Janeiro, novembro de 2008.

Já a felicidade na hipermodernidade segue a ética utilitarista do bem-estar, de J. Bentham, derivada da noção de felicidade de Locke e Stuart Mill: obtenção de prazer máximo com dor mínima. O modelo inicial do aparelho psíquico de Freud segue essa doutrina, norteadada pelo princípio do prazer, sendo o prazer resultado da evitação do desprazer.

Lipovetsky aborda a felicidade na sociedade hipermoderna como utilitarismo ligado à posse do bem-estar pelo consumo, cujo estatuto está se modificando: a busca por objetos dá lugar à busca de lazer – turismo, academias, espetáculos, locais de diversão. Modificação do ter (posse do objeto) para o viver (posse do bem-estar), retrato de uma realidade hiper-hedonista⁶.

Em 1970, Seminário 17, afirma Lacan:

A felicidade, a menos que seja definida de modo bastante triste, ou seja, ser como todo mundo [...] a felicidade, é preciso dizê-lo, ninguém sabe o que é. Tratemos de dar corpo a essa noção mediante outro enunciado abrupto, que é [...] central para a teoria freudiana – não há felicidade a não ser do falo. Freud o escreveu de todas as formas [...] que nada pode ser comparado ao gozo mais perfeito, que é o do orgasmo masculino⁷.

Embora, três anos depois, desloque o gozo fálico desse lugar central, perfeito, designando-o como “o gozo do idiota”, masturbatório, não faz o mesmo com a felicidade, deixando-a do lado do falo. A exceção aparece quando equipara a felicidade ao gozo da mulher, gozo místico, em 1973, no Seminário 20. Aqui, prosseguindo nessa mesma idéia, Lacan fala sobre o zen como uma saída para o mal-estar:

No taoísmo [...] o exemplo é patente na prática mesma do sexo. É preciso reter o esperma, para ficar bem. [...] O que há de melhor no budismo é o Zen. [...] É o que há de melhor quando se quer naturalmente sair desse negócio infernal, como dizia Freud⁸.

Consoante com Lacan, diz Agamben:

Mas, de uma felicidade de que podemos ser dignos nós não sabemos o que fazer. [...] Na antiga máxima segundo a qual quem se dá conta de ser feliz já deixou de sê-lo. [...] A felicidade tem, pois, com o sujeito uma relação paradoxal. Quem é feliz não pode saber que o é⁹.

Concluindo, qualquer caminho epistêmico percorrido para se definir felicidade, encontra-se como elemento comum que a ‘felicidade’ decorre de uma ética.

A felicidade do sinthoma

Se Joyce foi feliz, certamente sua felicidade não se apoiou num eixo idealizado, pelo contrário, estava explicitamente fora dele. Em uma carta a Joyce, Lacan, comentando o manuscrito de *Finnegans Wake*, diz: *seu livro é uma enunciação onde não se encontra um enunciado [...] comoveu-me sua acertada definição e seu bem-dizer de que a letra é um dejetto¹⁰.*

Ao considerar letra-dejeto (letter-litter) de Joyce um bem-dizer, Lacan aplica seu conceito de ética (ética do bem-dizer como um uso da linguagem com efeitos de *non-sense*) ao de sinthoma, denominando Joyce, o *sinthoma*. Sinthoma, cujo sentido é “o que faz manter junto” e, de fato, Lacan junta o *bem-dizer* da letra de Joyce com os três registros: Real, Simbólico e Imaginário. Assim, cria o sinthoma. *A arte de Joyce é alguma coisa de tão particular que o termo sinthoma é de fato o que lhe convém¹¹.*

Diferente do sintoma, construído a partir do Outro e fonte de gozo/prazer, o sinthoma se faz sem o Outro, como a obra de Joyce. Sabendo fazer com seu sinthoma, o falante se

liberta do Outro e, portanto, torna-se menos ambivalente, pode rir de si mesmo, pode obter, finalmente, alguma satisfação não-neurótica.

No sintoma, o inconsciente se funda no lapso, resultado do enodamento borromeano. No sinthoma, a quarta volta se dá justo no lapso do nó, efetuando a estabilização. O sinthoma corrige, assim, o lapso, o *rateio* do nó, mantendo a salvo algo da estrutura do nó de três. O chiste, então, sendo uma formação inconsciente, resulta de um lapso, o *próprio Freud articula isso, dizendo que se trata de um curto-circuito, de uma economia concernente a um prazer, uma satisfação*¹².

O sinthoma de Joyce, sua obra, funda seu nome ilustre: é o pai do nome, pai da nomeação - fazendo-se um nome, compensa a carência paterna. O sinthoma exerce a função de amarração dos três registros abrindo, para Joyce, a perspectiva do laço social. Laço do pai ilustre, da família ilustre, da Irlanda ilustre. Aqui, é necessário esclarecer a presença do Outro na vida de Joyce, a partir, por exemplo, de sua relação com o pai. Sua obra, seu sinthoma, esse, sim, prescinde do Outro e lhe dá satisfação. Sua escrita faz função de amarração – função do quarto nó, que o protege da invasão do imaginário, do delírio, da psicose.

Há em sua obra a construção de uma linguagem particular, não vinda do Outro, especialmente marcante em *Finnegans Wake*. Obra que o faz reconhecido mundialmente. Há um sentido próprio no S₁, na seqüência dos S₁ desconectados da cadeia significante, do saber. Ele ri muito, todas as manhãs, durante os quinze anos da escrita de *Finnegans*. Não era um riso solitário, era um riso dirigido ao Outro, realce do laço social estabelecido. Diferente de sua obra-sinthoma que faz laço sem o Outro.

A felicidade possível no final de análise

Pensamos em duas possibilidades: a felicidade fálica, passageira, universal, pertinente ao lado homem dos seres falantes; e a felicidade do sinthoma, singular, pertinente ao lado mulher, um pouco mais estável, resultante do uso do sinthoma, de sua função, de saber utilizá-lo na vida. Diz Lacan, no Seminário da Ética:

*A psicanálise faz toda a efetivação da felicidade girar em torno do ato genital, [...] nesse ato, num único momento, alguma coisa pode ser atingida pela qual um ser para o outro está no lugar, ao mesmo tempo, vivo e morto. Nesse ato, e nesse único momento, ele pode simular com sua carne a efetivação do que ele não é em lugar nenhum*¹³.

A relação entre a ética do bem-dizer e a felicidade é da ordem do necessário: tanto o falo quanto o sinthoma, para funcionar, pressupõem o bem-dizer. O alegre dizer que não busca decifração, nem sentido.

Estar suficientemente feliz na vida, como enunciou Lacan nos EUA, em 1977, além da óbvia e irônica referência ao *american way of life*, pretende indicar uma nova posição do falante no final da análise, onde o possível seria estar feliz por estar vivo, por estar na vida, incluída aí a morte como elemento irreduzível.

Ser feliz “apenas” por estar vivo, sem isso nem aquilo, sem adiar ou procrastinar, porque a morte existe e não espera, costuma ser difícil para o neurótico. O imortal neurótico, com todo o tempo do passado ou do futuro à sua disposição, anula o hoje. Anula o encontro, a *tykhe*, a contingência, o possível. A análise deve levá-lo, no mínimo, a parar de temer a morte e atribuir maior valor ao dia-a-dia, onde praticaria o bem-dizer da felicidade possível.

Assim, essa felicidade do final de análise tem algo de um saber sobre a morte. Com o qual o falante pode estar vivo, pronto para as diferentes circunstâncias. Não sonha, não

imagina, nem adia. Age. E livre do agulhão que o impele à busca de sentido, pode desfrutar *d'apalavra*: poesia, corpo, amor... O *sinthoma* o ancora.

Afinal, é possível ser feliz sem o Outro?

Primeiro, é preciso se liberar do Outro, é preciso o percurso de uma análise: o sujeito vai se desvencilhando dos significantes do Outro, do saber imposto pelos S_2 . Assim, o agora falante, atravessa a fantasia para construir algo de seu, fundado no S_1 . Um caminho que parte do sintoma para chegar ao *sinthoma* – ponto em que o Outro figura apenas como semblante. Se o sintoma é um recurso contra a angústia, o *sinthoma* é um recurso melhor.¹⁴

Nesse “recurso melhor” localizamos uma fonte de felicidade, com o *sinthoma* e sem o Outro.

Notas

¹ Lacan, J. *Nosso Programa*. In: *O seminário, Livro 7 - a ética da psicanálise* (1959 – 1960). Ed. Zahar. 2ª Edição, RJ. 1991. p. 23.

² FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. In: *Obras Completas*. Ed. Imago, RJ. 1974. p. 104.

³ Makariotes: Do grego, μακαριότης, - Felicidade (Isidro Pereira, *Dicionário Grego-Português*. Ed. Apostolado da Imprensa, Braga, Portugal).

⁴ Eudaimonia, ευδαιμόνεια, feliz. Eudeimonismo, ευδαιμονισμός – Sentido dado por Aristóteles: *o fato de julgar que um ser é feliz, esse julgamento sendo compreendido não apenas como o enunciado de um fato, mas como um julgamento apreciativo implicando o valor ético da felicidade*. Aristóteles utiliza o termo grego *eudaimonia*, para definir felicidade como a arte do bem-viver e do bem agir. Não deve ser confundido com louvor de um caráter, com elogio. Sentido atual: *doutrina moral tendo por princípio que a finalidade da ação é a felicidade (seja individual, seja coletiva)*. Este sentido é o único em uso. (LALANDE, A. *Vocabulaire Technique et Critique de Philosophie*, PUF-Paris).

⁵ LALANDE, A. *Vocabulaire Technique et Critique de Philosophie*, PUF-Paris.

⁶ Uma realidade que alguns especialistas concebem como, dizendo com Lipovetsky: *um novo capitalismo centrado não mais na produção material, mas no divertimento e nas mercadorias culturais. [...] Passamos para uma indústria da experiência que se concretiza numa orgia de simulações, de artifícios espetaculares, de estimulações sensoriais...* (LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Ed. Companhia das Letras, SP. 2007. p. 62 e 64).

⁷ LACAN, J. *O campo lacaniano*. In: *O seminário, Livro 17 – o avesso da psicanálise* (1969 – 1970). Ed. Zahar. Edição, RJ. 1992. p. 69.

⁸ _____. Do barroco. In *O seminário, Livro 20 – mais, ainda* (1972 – 1973). Ed. Zahar. 2ª Edição, RJ. 1996. p. 157.

⁹ AGAMBEN, G. *Magia e felicidade*. In: *Profanações*. Ed. Boitempo. SP. 2007. p. 24.

¹⁰ ZENTNER, O. *Da correspondência Lacan - Joyce*. In: *Joyce - Lacan: o Sinthoma*. LABERGE, J. (org.). Ed. Intersecção Psicanalítica do Brasil. Recife: CEPE, PE, 2007. p. 331- 341.

¹¹ LACAN, J. *Joyce e as palavras impostas*. In: *O Seminário Livro 23 – o sinthoma* (1975 – 1976). Ed. Zahar. 2ª Edição, RJ. 2007. p. 91.

¹² _____. p. 94.

¹³ _____. A demanda de felicidade e a promessa analítica. In: *O seminário, Livro 7 - a ética da psicanálise* (1959 – 1960). Ed. Zahar. 2ª Edição, RJ. 1991. p. 360.

¹⁴ Quanto à questão sobre ‘o que é felicidade’, lembramos Ram Mandil, na X Jornada da CLIPP, quando retomou a função do sintoma como sendo um bom recurso para lidar com a angústia, porém, indica o *sinthoma* como recurso melhor.